



# **Algoritmos da Opressão, a crítica de Safiya Umoja Noble aos efeitos sociais dos vieses algorítmicos**

Resenha

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da Opressão**: como o Google fomenta e lucra com o racismo. Trad. Felipe Damorim. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2021, 394p.

Kenzo Soares Seto

*Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ).*



Meninas negras. Ao digitar no Google esses termos, à procura de conteúdo interessante para suas jovens sobrinhas, Safiya Noble se deparou com resultados tomados de pornografia. Era o início da jornada da pesquisadora na investigação de como vieses nos algoritmos por trás do mecanismo de busca e de outras plataformas digitais reproduzem a marginalização de mulheres e populações racializadas em uma sociedade neoliberal, tema central de Algoritmos da Opressão.

Da introdução ao epílogo passando por seis capítulos, Noble discute diversos exemplos do que denomina opressão algorítmica, algoritmos digitais reproduzindo em seus resultados formas estruturais de poder como o racismo e o sexismo, de modo a investigar suas determinações históricas a partir da teoria feminista negra aplicada a tecnologia.

O primeiro capítulo do livro é dedicado à crítica de como o Vale do Silício em geral e o Google em particular buscam se isentar das responsabilidades sobre o impacto de suas tecnologias para grupos historicamente marginalizados. O principal argumento da autora é de que a reprodução de padrões racistas e sexistas por parte dos resultados de mecanismos de busca privados não é fruto apenas do comportamento de usuários, tese defendida pelas companhias e assumida até mesmo pela Organização das Nações Unidas (ONU). Ao contrário, esses resultados e respectiva credibilidade derivam do modelo de negócios das plataformas, baseado em publicidade e no ocultamento e naturalização dos preconceitos de seus programadores, em um contexto de visões "*cyber* utópicas".

Nesse sentido, Noble apresenta uma revisão de literatura e diversos dados que abordam a origem do Google e seu atual monopólio de acesso à informação *online*, assim como dos vieses presentes em seus algoritmos. A autora também destaca sua perspectiva teórica e metodológica baseada no pensamento feminista negro, situando raça e gênero como socialmente construídos, além de abordar a título de exemplo as disputas e negociações em torno dos resultados das buscas referentes a população judaica, em que o Google resistiu durante anos a omitir conteúdos antisemitas e negacionistas do holocausto nas primeiras colocações de seus resultados.

A discussão da representação de mulheres racializadas, sobretudo negras, nos resultados de busca do Google é o tema principal do capítulo dois. A autora demonstra por diversos exemplos a vinculação na plataforma de vieses negativos às mulheres negras, latinas e asiáticas, identificadas com a pornografia e características e comportamentos reprováveis, assim como a de jovens negros com a violência, enquanto a branquitude recebe uma representação favorável e dominante.

A gênese desse fenômeno é investigada desde a política da companhia até a construção histórica de categorias e identidades raciais, herança do colonialismo, de teorias sociais racistas e da permanência atual da hegemonia patriarcal branca, que não será solucionada apenas a partir do incentivo para que mais mulheres e pessoas negras participem do mercado da tecnologia.

O terceiro capítulo é dedicado ao impacto na sociedade da reprodução de vieses discriminatórios pelas plataformas a partir do estudo de caso do Massacre de Charleston, evento em que o supremacista branco Dylann Roof assassinou nove pessoas em uma Igreja na Carolina do Sul, Estados Unidos, em 2015. Noble destaca como a leitura de mundo de Roof que o levou a planejar seu ato, uma resposta a uma suposta crise de violência negra contra brancos, foi fortemente influenciada pela primazia de conteúdo supremacista branco e racista nos primeiros resultados do Google para o tema de violência interétnica.

A necessidade da regulação pública sobre o armazenamento, oferta e exclusão de informações e conteúdo *online* referentes a indivíduos e grupos sociais é abordada no capítulo quatro. Discutindo a política de uso do Google e a legislação norte-americana e europeia, a autora defende o "direito ao esquecimento" como uma garantia não apenas individual de retirada de conteúdos ofensivos, caso de fotos íntimas disponibilizadas à revelia nas redes, mas de populações possuírem a autodeterminação sobre as narrativas produzidas sobre elas.

O capítulo cinco analisa como os vieses presentes hoje na representação de grupos de pessoas por plataformas *online* expressam relações de poder na construção social dos sistemas de classificação de informação que remontam ao século XVIII. Esta parte do livro

discute desde a perpetuação de teorias racistas na constituição dos campos da ciência da informação e biblioteconomia até iniciativas contemporâneas de curadoria da informação que buscam combater estes vieses históricos a partir de navegadores, portais, enciclopédias e mecanismos de busca construídos por e para comunidades racializadas.

O sexto capítulo e a conclusão complementam as críticas da autora ao modelo dominante atual de acesso à informação *online* por meio do foco em propostas que visam alterar esse cenário. O tema da regulação pública das plataformas digitais é retomado com mais profundidade no capítulo seis, contrastando as limitações impostas à radiodifusão pela legislação norte-americana com a ausência de responsabilização dos serviços *online* pelos conteúdos ofertados.

Nesse sentido, a autora propõe a regulação federal nos Estados Unidos dos mecanismos de busca comerciais em relação à representação de temas sensíveis como raça e gênero, e o enfrentamento do monopólio de informação do Google.

Já na conclusão, Noble exemplifica mais uma vez o poder discricionário das companhias digitais ao abordar a influência da Yelp, plataforma de recomendação de pequenos negócios, na invisibilização de estabelecimentos comerciais da comunidade negra. Em seguida, a autora reitera a necessidade de financiamento público para o desenvolvimento de repositórios e ferramentas de buscas não comerciais, além de sugerir possíveis interfaces para a representação de fontes *online* que permitam ao usuário uma leitura mais diversa e contextualizada das informações, frente o atual ranqueamento de resultados dos serviços privados.

Por fim, há um breve epílogo que situa a publicação do livro nos Estados Unidos no momento da eleição de Donald Trump, destacando como qualquer proposta de regulação das plataformas e combate à desinformação depende da correlação de forças, hoje desfavorável na opinião de Noble dado a chegada de supremacistas brancos no poder e aos cortes nos recursos públicos para pesquisas acadêmicas, exemplos que podem soar familiares aos leitores do Brasil.

Em resumo, essa relevante obra pode despertar o interesse de um amplo campo de pesquisadores, estudantes e ativistas, da área da ciência da informação aos estudos

culturais e a Economia Política da Internet, subsidiando desde a formulação de políticas públicas até a prototipagem de soluções impulsionadas por movimentos sociais que busquem oferecer alternativas aos monopólios digitais atuais.

Contudo, a demora da publicação do livro em português exige que o leitor considere a atualização dos serviços como o Google diante das críticas realizadas, inclusive prevista pela autora, e que o debate público sobre vieses algorítmicos e a regulação das plataformas digitais avançou muito nos últimos quatro anos. Leitores interessados em uma literatura atualizada sobre o tema podem ler, por exemplo, Buolawini (2016, 2019) ou a revisão sistemática disponível em português realizada por Seto (2021).

Finalmente, cabe mencionar a ausência de uma mensagem inédita dedicada ao leitor brasileiro por parte da autora para contextualizar seus estudos em relação a nossa realidade, abordando, por exemplo, as representações associadas à mulher brasileira nos mecanismos de busca, de praxe em publicações semelhantes recentes. De qualquer maneira, é uma obra que vale a leitura.